

As linguagens e expressões: entre as singularidades e especificidades da infância

Monique Aparecida Voltarelli

Etienne Baldez Louzada Barbosa

Movimento, cor, brincadeiras, danças, fantasias, criações, são tantos elementos que podem ser atribuídos às diversas manifestações das crianças pequenas na relação com o mundo e à forma como aprendem e se colocam nele, que muitas vezes tornam-se invisíveis ao olhar adulto. A pluralidade expressiva das crianças nos diversos ambientes, seja nas instituições educativas, seja nos demais espaços em que estão inseridas, deixa marcas das narrativas infantis e de suas contribuições para com a cultura.

Viver o processo criativo demanda pesquisas, investigações e experiências com diversos materiais e com o próprio corpo para que se possa representar, compreender e se expressar diante do mundo. Sabe-se que o homem é um ser simbólico e que por meio das linguagens dialoga com as sensibilidades, com a imaginação e com os sentimentos (Martins; Picosque; Guerra, 1998). Atento a esta temática, este número da revista *Em Aberto*, intitulado “Linguagens artísticas e expressivas das crianças pequenas”, se propõe a recuperar diálogos acerca das múltiplas linguagens das crianças, de forma que elas possam construir suas próprias narrativas e sejam valorizadas e compreendidas em suas expressões – por meio de práticas corporais, simbólicas, musicais, teatrais, plásticas e quantas outras interlocuções brincantes desejarem fazer.

Cabe mencionar que as linguagens, juntamente com as brincadeiras e interações, compõem a ação pedagógica na educação infantil. Considerar as crianças como criadoras em sua potência – envolvendo ações que as percebam em sua inteireza – e também respeitar e valorizar suas impressões, ideias, interpretações e o fazer

artístico, demanda oportunizar a elas o acesso e o contato com suas diversas linguagens. A infância persiste na educação infantil em seus modos e singularidades de ser, criar, brincar, fazer, sonhar. Desconsiderar as crianças no processo educativo a fim de priorizar a escolarização contrapõe o que é essencial para as crianças neste momento. Elas precisam de espaços e tempos previstos para explorar, observar, sentir, agir, investigar e construir sentidos sobre o mundo.

Entretanto, diante dessa perspectiva que visa produtos e não valoriza o processo, muitas vezes as linguagens acabam a serviço de conteúdos disciplinares e conhecimentos trabalhados de forma fragmentada com as crianças. Estariam as linguagens reduzidas à exploração e representação de conteúdos? Como oportunizar às crianças experiências culturais que mergulhem na grandeza da dimensão humana, e também acesso ao patrimônio cultural e artístico produzido pela humanidade? As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil. MEC. SEB, 2010), cautelosas a essa necessidade, sugerem que as propostas pedagógicas de educação infantil respeitem três princípios: éticos, políticos e estéticos. O documento destaca o princípio estético, que abrange sensibilidade, criatividade e ludicidade, por considerar as crianças e suas diversas formas de expressão e por compreendê-las enquanto produtoras de cultura.

Qual é a atitude da nossa cultura em relação às formas expressivas infantis? Essa problematização nos coloca diante de um cenário onde, de um lado, a infância recebe cada vez mais atenção e as diferentes linguagens aparecem como importantes direitos da criança; de outro lado, as demandas sociais e familiares impostas às crianças, em prol de complementação de sua educação, muitas vezes desconsideram esse direito. Dessa forma, reforça-se que as linguagens da infância acenam para a experimentação de movimentos, palavras, silêncios, pinturas e desenhos, bem como para o olhar fascinado, interrogativo, inquieto e curioso das crianças.

Observados sinteticamente esses aspectos das linguagens da infância, algumas questões se integram aos nossos questionamentos: poderiam as múltiplas linguagens das crianças ser uma forma de os adultos voltarem a dançar com as cores, a brincar com as formas e a atribuir outros sentidos e significados para o mundo junto com elas? Retomar as diversas expressões e descobrir outras experiências estéticas seriam maneiras de responder às crianças que nos interrogam, nos interpelam e nos olham pedindo respostas sobre o desconhecido? Diante das frequentes pressões estabelecidas para a escolarização precoce das crianças e a redução do tempo do brincar, as crianças estariam sendo escutadas em suas diversas formas de expressão? As crianças pequenas têm espaços e tempos garantidos para vivenciar suas narrativas languageiras nas instituições? Como as linguagens estéticas e artísticas podem ser exploradas no trabalho com as crianças pequenas a fim de considerá-las em suas inteirezas?

Na tentativa de compreender e refletir acerca dessas questões, a seção Enfoque traz o artigo de Monique Aparecida Voltarelli e Etienne Baldez Louzada Barbosa, professoras da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), que contempla o "Experienciar e expressar: as linguagens infantis na relação com a arte" como práticas essenciais voltadas para as crianças pequenas. Ao defender que as

crianças se expressam e se relacionam com o mundo por diversos gestos e brincadeiras antes de aprenderem a linguagem oral, as autoras destacam as capacidades expressivas em relação com a cultura enquanto elementos potencializadores de criações e relações estabelecidas com as crianças.

Na seção Pontos de Vista são apresentados nove artigos de pesquisadores nacionais e internacionais renomados do campo dos estudos da infância e educação infantil, os quais vêm dedicando estudos e pesquisas para que as crianças possam, no tempo presente, viver a infância em sua pluralidade e diversidade. O primeiro artigo, intitulado "O peso 'leve' do Teatro Mignon", é do autor italiano Gianfranco Staccioli, professor da Universidade de Florença, que focaliza o Teatro Mignon como uma forma de comunicação lúdica e narrativa a ser explorado pela dimensão educacional. O autor ressalta essa forma teatral como adequada para a infância, por ser respeitosa para quem anima e para quem assiste. Usando narrativas curtas e materiais simples, pequenos e fundamentais a serem trabalhados com as crianças, se constitui como um teatro que fala da vida, do passado e do futuro.

O segundo artigo, "Crianças na Universidade Federal da Bahia: a extensão universitária como lugar de criança", elaborado por Juliana Prates Santana e Adriana Freire Pereira Ferriz, professoras da Universidade Federal da Bahia (UFBA), relata a riqueza do projeto de extensão que promove a utilização e ocupação do espaço público pelas crianças. Livres da institucionalização do tempo, elas brincam, criam, se relacionam, aprendem e se divertem participando de um projeto que valoriza as brincadeiras tradicionais, incentiva a diminuição do consumo e, como consequência, a preservação ambiental. A leitura do texto possibilita a visualização de ações concretas e inspiradoras para que as crianças sejam crianças e vivam o tempo presente, desfrutando de atividades culturais juntamente com seus pares e adultos.

O artigo seguinte "Crianças pequenas e arte: expressões e significações", de Sandra Mara da Cunha, professora e pesquisadora da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), traz reflexões acerca da dualidade dos termos *linguagens artísticas* e *linguagens expressivas das crianças* e enfatiza que elas têm muito a dizer de si mesmas por meio de todas as linguagens, nas quais estão contidos interesses, ideias, sentimentos e pensamentos que desvelam as infâncias que vivem. O artigo propõe pensar abordagens do ensino de arte que considerem a infância como o tempo da investigação e da criação.

A "Contação lúdica e interativa: um cotidiano de arte e expressividade na creche" é o título do quarto artigo, com autoria de Fernanda Gonçalves, da Faculdade Municipal de Palhoça (FMP), Márcia Buss-Simão e Eliane Santana Dias Debus, ambas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que analisam as relações que os bebês estabelecem com a literatura na creche. A partir das cenas registradas na investigação, as autoras encantam os leitores com a visibilidade dos bebês ao modo como se relacionam com as linguagens expressivas e com a possibilidade de se construir amplos repertórios com as contações de histórias nas instituições de educação infantil.

O quinto artigo é de autoria das professoras Simeia Santos Andrade e Raquel Amorim dos Santos, da Universidade Federal do Pará (UFPA), intitulado "A *lúdica*

negra na Amazônia Bragantina: as brincadeiras dançantes das crianças do quilombo”, o qual apresenta um recorte de uma pesquisa mais abrangente sobre as infâncias amazônicas. Pautadas no referencial teórico dos estudos sociais da infância, as autoras mostram que, no Quilombo do América, por meio de brincadeiras dançantes, as crianças externam suas expressões banhadas na lúdica popular, que se materializam em seu corpo brincante. As crianças foram observadas em suas interações na comunidade, com foco na dança do carimbó.

O artigo “Poeticidade e estesia: narrativas languageiras em contextos acontecedores da educação infantil” é o sexto desta seção, de Bianca Bressan de Paula e de Patrícia Dias Prado, ambas da Universidade de São Paulo (USP). As autoras apresentam reflexões sobre as narrativas languageiras das crianças na relação com a professora a desafiar tempos apressados, linearidades e aprisionamentos das corporalidades que impedem a poeticidade na educação infantil. Em busca de uma pedagogia da educação infantil de corpos inteiros, o texto revela possibilidades transformadoras para a constituição de contextos acontecedores e coletivos pautados num brincar telúrico de poeticidade e estesia.

O sétimo artigo, “Filosofia, educação inclusiva e intervenção artística: contribuições de Henri Bergson para uma ontologia da infância”, de Carmem Lúcia Sussel Mariano e Marlon Dantas Trevisan, professores da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), aborda a filosofia no intuito de orientar propostas educativas verdadeiramente inclusivas. Os autores nos levam a pensar sobre outra representação de infância e de suas linguagens expressivas, de modo a superar perspectivas normativas e homogeneizadoras que desprezam a diferença e desconsideram as crianças em suas singularidades e diversidades.

O oitavo artigo é de Gilka Girardello, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulado “O poder do faz de conta e a experiência narrativa das crianças: inspirações da obra de Vivian Gussin Paley”, cujos livros são dedicados a brincadeira, fantasia e criação. Merece destaque a metodologia criada por essa educadora estadunidense para a contação de histórias no cotidiano das instituições de educação infantil.

Encerra a seção Pontos de Vista, o artigo “Coros infantis comunitários em instituições educativas e seu papel no desenvolvimento artístico, pessoal e social das crianças envolvidas”, de Irene Cortesão Costa, da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, e Isabel Menezes, do Departamento de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. Compreendendo o canto como uma atividade musical e corporal, o artigo apresenta os coros infantis como potencializadores da expressão e linguagem das crianças que transformam seus corpos em instrumentos musicais. Atrelado a atividades educativas, o canto coral é apontado como uma capacidade de abertura à diferença, curiosidade e permanente descoberta de expressões artísticas das crianças.

A Seção Espaço Aberto traz o estudo de Ione da Silva Jovino, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), sobre “Crianças negras em imagens de Debret para a *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*”, que retratam momentos brincantes vividos entre períodos de aprendizagens de tarefas e/ou realização de afazeres.

A autora mostra a cultura da infância negra e como as crianças escravizadas se tornavam brinquedos de crianças ou de adultos brancos.

A seguir, Suzana Marcolino, da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), entrevista a pesquisadora Suely Amaral Mello que, com olhares teóricos e práticos, expõe “As linguagens expressivas como formas específicas de a criança se relacionar com o mundo”, como essenciais para os profissionais da infância captarem possibilidades de comunicação e aprofundarem conhecimentos acerca das formas próprias de as crianças apreenderem e aprenderem sobre o mundo.

Na seção Resenhas, a primeira contribuição é de Franciele Ferreira França, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que analisa a coletânea *Giocare per costruire mondi: prospettive e esperienze per l'educazione infantile, tra Italia e Brasile*, organizada por Donatella Savio e Catarina Moro. A obra traz reflexões teóricas e experiências que perpassam a natureza, os significados e as relações entre brincadeira e educação, propondo um diálogo intercultural que possibilita ampliar o conhecimento acerca das direções, complexidades e abordagens da brincadeira para as crianças. A tradução brasileira, a ser publicada pela Editora UFPR, com o título *Brincar para construir mundos: perspectivas e experiências entre Itália e Brasil para a educação infantil*, encontra-se em fase de produção.

A segunda resenha, elaborada por Isabela Signorelli Fernandes, da Universidade de Turim, na Itália, explora as contribuições do *Piccolo manuale di controeducazione* (Pequeno manual de contra-educação), de Paolo Monttana, cujas reflexões buscam perturbar as estruturas duráveis que persistentemente sufocam corpos e sentidos de adultos e crianças nos espaços de formação escolar e universitário. Isabela pontua que a obra desafia as possibilidades de compor uma educação que assuma outras posturas em relação à infância e se comprometa com ela por meio da cultura e da arte. Paolo Mottana evoca uma *contra-educação* radical e libertária, que valoriza a imaginação criativa, expressada a partir do papel das imagens simbólicas, das artes, da narração poética e dos mitos, propondo cenários educativos (para todas as idades) incendiados e contagiados de infância, mediante discursos responsabilizadores das/os professoras/es em relação à aquisição e contemplação de outras e novas linguagens, para que, assim, atuem como *anti-professores e contra-educadores*.

Fecha este número a seção Bibliografia Comentada, organizada por Nazareth Salutto, professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), com um levantamento de livros, artigos, teses, *sites* e *blogs* relacionados às linguagens artísticas e expressivas das crianças desde bebês, no intuito de ampliar e enriquecer as leituras e os estudos acerca dessas temáticas.

A partir desta resumida exposição, os textos que compõem este número se apresentam como uma possibilidade para ampliar os estudos acerca das diversas manifestações culturais e artísticas das crianças, de maneira que elas possam experimentar o mundo de diversos modos e ser consideradas de corpo inteiro nas ações pedagógicas propostas nas creches e pré-escolas. Conforme nos lembram Berle e Richter (2019), o que nos singulariza é a ação no mundo, não o nosso trabalho, mas aquilo que acontece na relação de conviver. A importância das ações, interações, imprevisíveis imprevistos e imersões nos ambientes em que vivemos demanda

interrogar compreensões que limitam as ações criadoras das crianças, normatizando as infâncias e impossibilitando que o inesperado surja nos cotidianos com meninos e meninas, os quais anseiam por repertórios linguageiros que permitam o ser, o pensar, o agir e o expressar-se, enriqueçam as relações e promovam produções artísticas e culturais.

Trazer visibilidade para as propostas e possibilidades de trabalho com os pequenos não objetiva instruir ou padronizar modos de ser e estar com as crianças. Busca-se que adultos e crianças, juntos, elaborem significados e aprendizagens por intermédio de suas narrativas linguageiras, que podem ser criadas e recriadas por meio das diversas formas de expressão a serem descobertas, vividas e sentidas. Portanto, os artigos que compõe este número da revista *Em Aberto* dialogam com a poesia, a estética, a musicalidade, a teatralidade e com as demais produções artísticas que oportunizam a criação e a reflexão sobre os repertórios que são e que podem ser construídos pelos profissionais que trabalham com a infância.

Desejamos que a experiência de mergulhar nos escritos dos autores possa produzir sentidos, criar realidades e funcionar como potentes mecanismos de reflexão, argumentação e aprendizagens, conforme propõe Larrosa (2002), mas, sobretudo, que possa atribuir sentidos ao que somos para as crianças, à maneira como nos relacionamos com elas e ao que nos acontece quando nos colocamos diante dos encontros linguageiros com as crianças.

Monique Aparecida Voltarelli
Etienne Baldez Louzada Barbosa
Organizadoras

Referências bibliográficas

BERLE, S.; RICHTER, S. R. S. Oficinas poéticas com crianças pequenas: encontros linguageiros. In: CONGRESSO PAULISTA DE EDUCAÇÃO INFANTIL (Copedi), 6., 2012, São Paulo (SP). *Educação infantil como prática de liberdade: por uma infância sem fascismo*. São Carlos, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. *Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer a arte*. São Paulo: FTD, 1998.